

**GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO
SEDE ILHA DO PAVÃO**

1951 – MORADORES E CURIOSIDADES

. janeiro – O terreno baixo e alagadiço tinha como maior vantagem a proximidade com o Cais do Porto e o centro da cidade.

Vegetação dominante – ingazeiros, salseiros, maricás, taquareiras, sarandís, amoreiras, goiabeiras, pitangueiras e corticeiras-do-banhado.

O morador 'Chico Boião' intitulava-se 'dono da ilha', e exigia o pagamento de aluguel de alguns dos outros moradores na área cedida ao Grêmio Náutico União.

O Presidente Archimimo Magnus de Souza incumbiu ao associado Armínio Purper de dialogar com os moradores e tentar amistosamente a retirada dos mesmos. A missão foi coroada de pleno êxito, e em poucos meses foram transferidas todas as casas, chalets e malocas,

Relação dos residentes, a partir da extremidade Sul da Ilha do Pavão:

1 – Manoel Soares de Moura (Manéca Redondo), campeão natural de Triunfo, vivia só numa pequena palafita de sobras de madeira, sobre um banhado, entre sarandís e ingazeiros, com frente para o poente. Não gostava do apelido e ameaçava aos que assim o chamavam, com cães e até com tiros.

2 – Entre os dois primeiros taquarais à sudoeste, morava a 'Nêga Tila' numa pequena palafita de madeira com o companheiro – 'Nêgo Chaminé', assim chamado pelo nariz achatado. Porta (única) para o poente.

Nêga Tila era batuqueira e o Nego Chaminé biscateiro no Cais do Porto e no Mercado, de onde trazia os 'preparos' para os 'despachos' e demais rituais do batuque: galinhas, galo preto, cachaça, mostarda, frutas, charutos, fósforos, velas e folhas de papel de seda brancas e azuis.

Havia batuques especiais em que eram sacrificados cabritos brancos ou pretos.

3 – Telmo, filho do Chico Boião, morava com a esposa Noeli e os filhos, num pequeno chalet com frente para a Ilha do Chico Inglês, no lugar em que hoje se encontra a hélice, doada ao União pela Marinha do Brasil.

4 – Ruínas do chalet do Chico Boião, também conhecido como 'Chico Fogueteiro', construído com frente para o poente, no centro do terreno onde hoje está a piscina.

Além de pescador, era prático de embarcações na Laguna dos Patos, e havia residido no Saco do Jacaré, margem leste, razão de ser também conhecida como 'Saco do Boião'.

Chico Boião além de 'dono da ilha', era fabricante clandestino de foguetes e bombas, daí o apelido Chico Fogueteiro, e várias vezes havia tido problemas com polícia, pelo comércio irregular e perigoso.

Em meados de 1950, um de seus filhos foi informado por um amigo da Polícia, que havia uma ordem de prisão de Chico Fogueteiro, sendo o mesmo logo informado e tomado providências para evitar a prisão e a perda dos foguetes, bombas e pólvora estocada.

Durante a noite retirou todos os seus pertences e o que foi possível do chalet, e mudou-se para a Ilha Grande dos Marinheiros. Antes da partida da última canoa, 'lascou' fogo no que restara da habitação, depósito, lenha e taquaras. Afirmou que o fogo havia sido acidental e não ter tido condições de apagá-lo. A clareira formada pelo incêndio, sem vegetação de maior porte, foi usada para as primeiras 'peladas' de futebol na areia, após a conclusão do aterro hidráulico feito em 1954, pela draga STER 1, graças ao DNOS.

As primeiras goleiras eram de taquaras, logo substituídas pelo Wilson Nascimento por postes de madeira.

5 – Alberto Boião, filho de Chico Boião, morava numa casa de madeira, no local em que hoje se encontra a placa de azulejos – 'Praia da Tony'.

Alberto não admitia vizinhos próximos, contando com o apoio do poderoso Pai. Era a quinta moradia com frente para a Ilha do Chico Inglês.

6 – Alcides Linhares, conhecido como 'Jacaré', morava numa casa construída junto ao ângulo sudeste da atual garagem náutica.

Jacaré teve a coragem de ser o primeiro a recusar o pagamento de 'aluguel' à Chico Boião, atitude logo seguida por outros 'inquilinos'.

Sua casa, assim como as seguintes foram construídas com frente para o nascente e próximas à margem para facilitar as atracações de suas canoas junto à Rua Voluntários da Pátria (Caminho Novo).

7 – João Quadros de Souza, 86 anos, nosso melhor informante e com memória extraordinária, nasceu em Triunfo em 30/01/1922, e aos 9 anos já era pescador. Casado com Florentina Vilanova, é mais conhecido por 'João Cristino', ou somente 'Cristino', e na CEASA como 'João do Milho', onde ganhou a 'Medalha do Milho Verde CEASA'.

Registrou 11 filhos e casou quatro vezes.

Desde 1931 morou na Ilha Grande dos Marinheiros até o início de janeiro de 1949, quando construiu casa na Ilha do Pavão, no local onde hoje se encontra o '1º Quiosque dos Ilheiros'.

Em fins de janeiro, quando a casa já estava pronta, recebeu a visita do pai, numa manhã de domingo com Sol forte de verão. Nas proximidades não havia árvores e o calor era acentuado. O pai sugeriu o plantio de duas 'touceiras' de taquaras para garantir uma boa sombra. No dia seguinte retiraram as mudas na Ilha Grande dos Marinheiros, resultando no taquaral que protege o 1º Quiosque dos Ilheiros, nas manhãs quentes do verão. No início de 1951, atendeu prontamente a solicitação de Armínio Purper, retirou sua casa e a reconstruiu na Ilha do Chico Inglês, na margem leste, onde ainda reside com a família.

Em março de 2005 foi inaugurada uma placa junto ao taquaral plantado por 'Cristino'.

8 – José Rolim de Souza, amigo e compadre de João Cristino, construiu sua casa, vizinha a do mesmo, entre o 1º Quiosque dos Ilheiros e a rampa próxima.

9 – Conceição Viegas de Souza, casado com Ignácia Quadros de Souza, construiu a casa mais recuada da margem, nos fundos da atual cancha de bocha.

10 - ? , filho de José Rolim de Souza, casado, construiu a casa vizinha à rampa, onde hoje se encontra o guindaste metálico.

11 – 'Nércio Sete Fio' Araújo, arranhou uma palafita precária na margem do Guaíba, em frente a atual carpintaria.

Em 1963, encontrei o 'Sete Fio' morando numa barraca precária na extremidade Sul da Ilha Grande dos Marinheiros, na propriedade do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. A meu pedido, mudou a barraca para outro local, retornando várias vezes e sempre recebendo auxílio para as mudanças, a última delas para a 'Vila Sapo', na Ilha do Pavão, ao norte da rodovia.

12 – Manoel Luiz de Araújo, pai de Nércio Sete Fio, casa vizinha ao Norte, à palafita do filho, entre o atual portão da carpintaria e o sanitário.

13 – 'João Pardal', funcionário da Indústria Pasto, morava num chalet precário, no centro do atual Recanto Escoteiro. Mudou-se para o Capão dos Salseiros.

14 – 'João Capador', especialista em capar suínos, tinha casa na atual cancha de futebol na areia. A casa foi demolida para construção da Escola Municipal. Na área hoje usada para depósito de combustíveis, foi construído um pequeno chalet com materiais que 'sobraram' da escola, para moradia da zeladora.

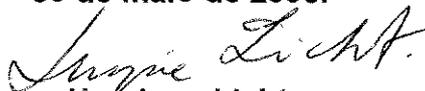
CURIOSIDADES:

No fim da década de 1930 e início de 1940, muitos navios estrangeiros traziam cargas volumosas protegidas por madeiras de ótima qualidade. Muitas caixas eram abertas no cais ou nos armazéns para a retirada das mercadorias importadas, e à noite as madeiras eram jogadas no Guaíba. Eram as 'lingadas' que recolhidas por moradores das ilhas, serviam para a construção de canoas, remos e até de casas.

Na época, as latas de Querosene (Kerosene) Jacaré, com 18 litros, eram as mais usadas por remadores e moradores das ilhas no preparo dos tradicionais 'cafés-de-chaleira'.

Desde 2006, por iniciativa da Escola de Remo, são realizados cafés-de-chaleira na Sede Ilha do Pavão, no primeiro sábado dos meses março à dezembro, à partir das 10 horas.

30 de maio de 2008.


Henrique Licht